

Ética corporificada: a leitura butleriana do amor no jovem Hegel

Michele Teixeira Bonote

Doutoranda em Filosofia na UFABC

Bolsista da FAPESP

<http://lattes.cnpq.br/1932947206200773>

michelebonote@hotmail.com

52

Desde a publicação de sua tese de doutorado, *Sujeitos do desejo* (1987), Judith Butler se ocupa em pensar a questão do sujeito e seu processo de formação. Em *Problemas de gênero* (1990), Butler realiza esse movimento ao criticar o sujeito “mulheres” da teoria feminista. Ao questionar a noção de sujeito como substância, Butler mostra que gênero e sexo não estão dados na natureza, mas participam de uma grade de inteligibilidade da vida social que enquadra quem pode e quem não pode ser reconhecido como sujeito. Em *A vida psíquica do poder* (1997), ela explicita essa questão através de teorias da sujeição. A figura do poder que “dá vida” ao sujeito revela-se com a imagem de uma volta contra ou sobre si mesma realizada através de atos de autocensura, ou seja, ser um sujeito implica sujeitar-se às normas.

Como, então, pensar a resistência às normas? Se suas obras dos anos 1990 se caracterizavam pelo questionamento da normatividade, a partir dos anos 2000 seria possível identificar uma abertura para questões éticas. Porém, isso não indica um abandono da crítica às narrativas filosóficas que negam o próprio processo de instituição do sujeito como ficcional. Ao contrário, sua contribuição nesse campo reside em mostrar como a ética se torna violenta quando falha em oferecer formas de vida possíveis de serem apropriadas. Em *Relatar a si mesmo* (2005), Butler pergunta: é possível dar um relato de si? Em que consiste esse ‘eu’? E como ele pode se apropriar da moral?

Em *Os sentidos do sujeito* (2015) – livro sobre o qual nos debruçaremos nesta comunicação –, Butler continua a investigação, agora, articulada à dimensão das sensações e das experiências subjetivas imediatas do sujeito, que rompem qualquer pretensão de universalidade em sua constituição. Aqui, ela continua a questionar a autoridade da voz narrativa do sujeito, nos indicando seu estatuto interdependente e vulnerável, ao mesmo tempo em que desenvolve um pensamento corporificado sobre sua

capacidade de agência. Dado esse contexto, o objetivo da comunicação é explorar através do artigo “Sentir o que é vivo no Outro: o primeiro amor de Hegel”, o conteúdo e a forma do pensamento hegeliano sobre o amor. Individualidade, comunidade, propriedade, religião, casal e dança. Esses são os caminhos que percorremos para compreender como amamos objetos mortos e de que forma subvertemos essa narrativa. Ao realizar uma leitura performativa de textos do jovem Hegel, Butler concebe o sujeito como despossuído e desenvolve uma ética responsável e corporificada.

Palavras-chave: Sujeito. Ética. Amor. Hegel.

Bibliografia

BUTLER, J. *A vida psíquica do poder: Teorias da sujeição*. Tradução: Rogério Bettoni. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

_____. *Os sentidos do sujeito*. Coordenação de tradução: Carla Rodrigues. Belo Horizonte: Autêntica, 2021.

_____. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Tradução: Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

_____. *Relatar a si mesmo: crítica da violência ética*. Tradução: Rogério Bettoni. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

_____. *Subjects of desire: Hegelian reflections in twentieth-century France*. New York: Columbia University Press, 1987.